

INTRODUÇÃO

Francisco Louçã
João Martins Pereira
João Paulo Cotrim

Em Dezembro de 1987, o **COMBATE** iniciava uma nova série. Aparentemente, as alterações eram menores: mesma direcção, mesmo formato, mesma geografia política. Mas, na realidade, tratava-se de um projecto transformado: uma estrutura diferente assente num dossier temático que investigava os campos da realidade e dos desafios programáticos à esquerda – desde a 'noite' até à 'crise de Leste', passando pelas 'primaveras' e pela 'justiça' –; uma nova redacção, um grafismo ímpar e ilustrações poderosas deram origem a um dos projectos mais inovadores, mais intervenientes e mais consistentes na imprensa alternativa portuguesa. Desde logo, pela sua intensidade: sinal dos tempos, ao longo dos anos seguintes o panorama da imprensa de ideias e de acção política veio a reduzir-se cada vez mais. O **COMBATE** pretendia mostrar-se, em contrapartida plural e possível. Mais ainda, à esquerda do possível. Assim foi, e disso são testemunha estes textos.

Das mais de cinquenta edições ao longo destes quatro anos, foi preciso seleccionar uma pequena amostra para publicação em livro. Escolheu-se ignorar todas as páginas de actualidade, de humor, de reportagem, as entrevistas, os depoimentos: dessa forma, saem desta compilação um grande número de autores, muitas facetas da realidade que o **COMBATE** olhou durante este tempo e muitas reflexões que são indispen-

sáveis para o propósito deste jornal. Dos textos restantes, a compilação respeitou um princípio de selecção por temas e de representação de um vasto leque de autores, atendendo a que, na programação normal das edições mensais, estes critérios eram sempre dos fundamentais. Aqui está.

I

Trabalhos de Hércules: o COMBATE dedicou-se aos mais difíceis e fez disso o seu programa e a sua promessa.

Um primeiro, desde logo: o da identificação – de casos e de causas, de um mundo que muda. E nem isso é novo. O Deão da Igreja de Saint Paul, em Londres, escreveu em 1229 essa evidência: "Quando os nossos primeiros pais foram expulsos do Paraíso, crê-se que Adão terá observado para Eva: 'Minha querida, vivemos numa idade de transição'. Assim foi desde então.

Transição, mutação, vertigem: esse mundo alimenta a exigência de justiça e portanto desenha a intransigência de uma esquerda que não se juntou aos coros da coligação que disparou a guerra do Golfo, não se deslumbrou com o euro optimismo nem cortejou o fim das ideologias. A pesquisa começa pelas geografias, instituições, o país, três capítulos que fazem parte desse trabalho.

E encontra-se a evidência: os anúncios da Benetton descrevem a morte pela SIDA, a eliminação pela poluição, a angústia das partidas – a crueza do mundo transformou-se na sua identidade. Mas não terá esta evidência deixado de ser evidente? Não terá a mediatização da vida eliminado o seu conhecimento? Não será agora a vez de uma distanciação desdramatizante que elimina a contradição e a reduz ao paradoxo, que descarta a acção e seduz o espectáculo? Muitos dos textos respondem que sim. E dessa afirmação decorre uma agenda intensa de intervenção: porque o mundo fornece infinitos exemplos de atitudes, de aparências, de questões, de rejeições, que configuram à esquerda não institucional. Não tem sido difícil encontrar os mais imediatos motivos para viver a razão antes do seu tempo nem sequer encontrar razões que o coração conhece para continuar este percurso. Por mais pesadas que sejam as palavras.

II

O socialismo, no entanto, tem sido justamente um corpo de instituições, além de uma cultura específica e mundividente. Como cultura, foi simultaneamente uma explicação universal das injustiças, numa perspectiva histórica e uma concepção dos agentes e dos processos de transfor-

mação. Como instituição, foi a marca de uma época – e o seu fracasso.

O fracasso, por sua vez, é institucional mas também cultural e escrito da forma mais lamentável na deriva dos que, depois de justificarem o terror estalinista com o voluntarismo leninista, foram regredindo tranquilamente até a desilusão de Kautsky, chegando finalmente a Bernstein e daí pulando num ápice para o possibilismo, embarcando finalmente num liberalismo que tem a suprema sagesa de tudo justificar em nome de agentes económicos incognoscíveis, situações de equilíbrio perfeito em que tudo se sabe e nada se aprende, e de políticas que são sempre inevitáveis. Nenhuma trama de traição tão rasteira e intencional está escrita neste roteiro, ao contrário do que possa sugerir o desgosto geracional de raros que conseguem não perder nem se distanciar da ilusão adolescente: pelo contrário, são bem forças poderosas da estrutura social que se agitam neste regresso permanente à "simultaneidade do não simultâneo", na expressão de Ernst Bloch.

Mas é bem de fracasso que se trata. A monstruosidade estalinista reduziu o comunismo a uma recordação amarelecida e transformou o Estado numa máquina de guerra de trincheiras contra a população: o particular opôs-se ao geral da forma mais grotesca e visível, e daí a sua fragilidade e colapso repentino. Os fantasmas do racismo, do anti-semitismo, do nazismo, foram ao mesmo tempo soltos pela abertura desta caixa de Pandora: o mundo do final do século parece-se com a ameaça de barbárie em tudo o que se queria evitar.

III

Santíssima Trindade dos nossos dias: sustentando-se numa lógica de ferro, a democracia uniformizada, que converte em sinais políticos a vontade dos cidadãos atomizados, o mercado silencioso, que deles recebe os sinais sociais das procuras, e ainda os médias onnipotentes, que tudo vêem e distraem todos os sinais. A pós-modernidade cabe neste tríptico, os dois primeiros elementos não são tão recentes, o terceiro tem sido menosprezado injustamente – mas nada há de mais novo do que a sua justaposição, a sua articulação, a sua capacidade de fazer sistema.

Dispõem ainda de uma estética, o brasão dos conquistadores: se os modernistas se uniam contra o mercado, os pós-modernistas unem-se agora pelo mercado, importando do pop a sua nostalgia, transformando a reificação cultural numa cultura, o efémero numa virtude, o pastiche numa religião e o divertimento numa ignorância. De tudo resulta uma noção da eternidade que é a sua declaração de guerra: o momento é uniformizado pela certeza de que neste mercado e nesta democracia nada se pode

passar porque tudo está previsto e porque, mesmo que se passasse, não podia ter nenhuma consequência que não a confirmação da eternidade. O tempo parou no relógio do fim do século.

A estratégia da resistência é portanto a mais ofensiva das investidas possíveis – à esquerda do possível, porque recupera orgulhosamente a dimensão narrativa, a grande narrativa em todas as suas dimensões: a historicidade concreta, o conhecimento das realidades, as utopias que nascem da experiência que é a mãe de – todas as coisas. Assim foi escrito este livro, mês a mês, e muito mais que aqui não cabe.

Ainda se pode ser socialista de libertação, diz-se nas páginas que o leitor vai abrir; Mesmo que os percursos pareçam tão difíceis ao ponto de terem que ser inventados:

Onde nenhum caminho estava traçado,
Nós voamos
(R. M. Rilke, Poemas)